



Funeral de Isaac Augusto Vilhena de Moraes reuniu familiares, amigos, colegas, professores e vizinhos no Campo da Esperança da Asa Sul. Cortejo foi marcado por emoção, revolta e fé

A dor que virou luta

» JÉSSICA ANDRADE
Especial para o **Correio**
» GIOVANNA KUNZ

O corpo de Isaac Augusto de Brito Vilhena de Moraes, de 16 anos, foi sepultado no fim da tarde de ontem, sob forte comoção, no Cemitério Campo da Esperança da Asa Sul. O adolescente, aluno do Colégio Militar de Brasília, faleceu na noite de sexta-feira (17), após um ato infracional análogo ao crime de latrocínio, ocorrido Praça Maria Cláudia Del'Isola, entre as quadras 112 e 113 Sul.

A cerimônia de despedida, iniciada às 14h, reuniu uma multidão. A Capela 1 não comportou a quantidade de pessoas que compareceram para prestar as últimas homenagens. Muitos acompanharam do lado de fora, aguardando a saída do cortejo.

A urna de Isaac estava cerca de por mais de 30 coroas de flores, principalmente rosas e crisântemos brancos e salmões. A quantidade de arranjos com mensagens de amigos e familiares não coube no veículo sepulcral, que fez o traslado entre a capela e o local do sepultamento.

Na cerimônia, o som das vozes que se uniam no Pai Nosso e na Ave Maria se misturavam às lágrimas e soluços. Os cânticos *Segura na mão de Deus e Nossa Senhora* foram entoados em coro, conduzidos por membros da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe, comunidade que Isaac frequentava pelo menos duas vezes por semana com

Jessica Andrade Esp. CB/DA Press



Estudantes uniformizados do Colégio Militar de Brasília entoaram, em uníssono, o grito de guerra da instituição



Obrigado por amarem meu filho. Isaac era luz, e vai continuar sendo"

Jane Vilhena, mãe

a mãe, Jane Vilhena.

A despedida foi marcada por momentos de intensa emoção. Jane, visivelmente abalada, manteve-se a maior parte do tempo de mãos dadas com familiares próximos. Os olhos marejados e o rosto cansado traduziam a exaustão do luto. Ainda assim, ela encontrou forças para agradecer o carinho recebido e recordar o menino carinhoso, sensato e determinado que criou.

"Obrigada por estarem aqui.

Obrigada por amarem o meu filho. Isaac era luz. E vai continuar sendo. Ele me ensinou a ter fé até nos dias mais difíceis", disse, com a voz embargada. Ela ainda recordou as vezes em que precisou "dar uma bronca" no filho.

O médico Lucas Vilhena, pai do adolescente, lembrou o momento em que soube do ocorrido. Ele e a esposa estavam na missa quando receberam a notícia de que o filho havia sido atingido. "Achei que

fosse mais uma travessura. Mas, quando cheguei, vi meu filho sendo reanimado. A dor é eterna, mas com a graça de Deus vamos superar tudo isso", afirmou, ao cobrar que o caso continue sendo investigado.

Lucas agradeceu à equipe que atendeu o adolescente, aos amigos que o acolheram nos primeiros momentos e às centenas de pessoas que enviaram mensagens de apoio e carinho à família. "Foi

Minervino Júnior/CB/DA Press



Edson Avelino: "Meu irmão tinha apenas 16 anos. Deus nos dê força"

Deus. Agora cabe a nós sermos instrumentos do Consolador", disse o sacerdote, pedindo uma oração coletiva. "A serenidade no olhar dele é o que conforta nosso coração. O Isaac era um menino bom, um menino de Deus. Não entendemos os mistérios de Deus, mas estamos aqui por solidariedade à família, que precisa da nossa força neste momento", disse uma representante da paróquia.

Com as fardas cuidadosamente engomadas, os colegas do Colégio Militar de Brasília formaram uma espécie de guarda simbólica que acompanhou o cortejo. Abraçados, sustentavam uns aos outros entre lágrimas. Alguns seguravam terços nas mãos, em um gesto de fé e respeito. Professores e diretores da instituição também participaram da cerimônia, descrevendo Isaac como um estudante disciplinado e querido.

O clima de solidariedade era visível. Vizinhos e amigos se revezavam em gestos de amparo à família. Crianças e adolescentes do bairro, alguns da mesma idade de Isaac, carregavam rosas brancas nas mãos e observavam em silêncio o momento em que o cortejo deixou a capela em direção ao campo de sepultamento.

A cerimônia foi marcada por uma cena de forte simbolismo. No momento em que a urna desceu, os colegas do Colégio Militar de Brasília entoaram, em uníssono, o grito de guerra da instituição, em uma homenagem comovente que ecoou pelo cemitério.

Moradores prestaram homenagem no Parque Maria Cláudia Del'Isola

Giovanna Kunz CB/DA Press



Colegas soltaram balões brancos no parque onde Isaac morreu



Oração, cartazes e flores foram colocados no memorial



Que se repensem as penas para esses atos; a nossa, será eterna"

Lucas Vilhena, pai

falaram e, por ser cristão, recebeu com carinho. "Se ele foi embora, aos 16 anos, foi porque Deus sabia que ele estava preparado", citou. "Agradeço todas as manifestações e àqueles que o socorreram naquele momento", disse, com uma menção especial aos profissionais do Hospital de Base, que prestaram os atendimentos finais.

Em tom de desabafo, o pai também fez um apelo por justiça. "Que se repensem as penas para esses atos, que duram dois ou três anos, enquanto a nossa será eterna", declarou, aplaudido pelos presentes.

Depois dos discursos da família, o espaço de fala foi aberto para que os presentes pudessem prestar homenagens. Moradores da Asa Sul falaram sobre o impacto da tragédia e pediram mais segurança.

Em seguida, começaram as orações. De mãos dadas, os presentes rezaram o

Pai-Nosso e a Ave-Maria, encerrando com o Canto da Oração pela Paz. Entre os amigos e colegas de escola, a emoção era visível. Valeska Valente, mãe de um estudante do Colégio Militar de Brasília, onde Isaac estudava, fez um apelo aos jovens: "Queria que vocês lembrassem dos momentos felizes que compartilharam com o Vilhena. Falei para o meu filho: guarde a lembrança do seu amigo, isso é o mais importante. Toda vez que tiver vontade de chorar, ore por ele e pela família."

Atendendo ao pedido de Jane, os colegas de Isaac entoaram o Hino do Colégio Militar de Brasília. Logo após esse momento entre os estudantes, os presentes fizeram uma caminhada em silêncio pelos caminhos arborizados do local e soltaram balões brancos, que subiram lentamente ao céu em homenagem ao adolescente.

Lembranças

Ao **Correio**, o irmão mais velho de Isaac agradeceu o apoio recebido e pediu orações pela mãe. Entre o choro contido e a fé, ele descreveu o adolescente como um jovem maduro e consciente dos próprios sonhos. "Meu irmão tinha apenas 16 anos, mas era um rapaz muito maduro. Maduro em seus objetivos, maduro em aceitar o que precisava ser melhorado. Não vai trazer ele de volta, mas dá o mínimo conforto saber que ele era querido e cumpriu seu papel", afirmou Edson. "Eu peço muita oração, principalmente pra minha mãe, nesse momento tão difícil. Que Deus nos dê força pra dar todo o suporte a ela, que é quem mais vai precisar da gente."

Entre os colegas do Colégio Militar de Brasília, as lembranças se misturavam à saudade. Luana Vilacinah, 17, contou que

conheceu Isaac há pouco tempo, mas que a amizade entre os dois foi imediata. "O Isaac era um menino muito feliz. Onde passava, deixava alegria. Ele sempre esteve do meu lado, me ajudava com tudo que eu precisava. Era gentil, participativo, humilde. Me dói muito saber que o último momento que ele quis passar comigo não aconteceu, mas sei que ele está nos braços de Deus, sendo acolhido como o menino bom que sempre foi", desabafou.

Outro amigo, Luiz Felipe, conhecido como Sampaio entre os colegas, definiu Isaac como um "irmão de peito". "A gente se conheceu em 2021, no sétimo ano, e desde então nossa amizade floresceu. Ele sempre falava dos sonhos dele. Queria ser técnico de TI junto com o irmão, ter um carro esportivo, viajar o mundo. Quando foi pra Los Angeles, me trouxe um broche. Quando foi pra Madri, trouxe um chaveiro. Mesmo longe, ele sempre lembrava de mim. É inacreditável o que aconteceu. Foi uma injustiça", exclamou o jovem.

A ex-namorada, Flávia Rolon, 16, também prestou homenagem com palavras que comoveram os presentes. "Eu tive o privilégio de fazer parte da família dele e conhecer a pessoa incrível que ele era. Nosso relacionamento terminou porque éramos muito jovens, mas o meu amor por ele nunca acabou. Ele era a luz em nossas vidas. Quem o conheceu sabe do que eu estou falando. Ele era amor, ele era luz."

Após a morte de Isaac, Cristina Del'Isola recebeu diversas ligações de moradores e decidiu se reunir com eles para pensar em uma forma de acolher a família e prestar homenagem ao jovem. "Esse tipo de gesto foi essencial para mim quando vivi a minha perda. Nosso objetivo é oferecer um espaço de reflexão sobre a vida e, acima de tudo, de fortalecimento para os familiares, para que saibam que não estão sozinhos e que toda a comunidade está unida em oração e solidariedade", disse a mãe de Maria Cláudia ao **Correio**. (JA/GK)

Colaborou: Maria Eduarda Lavocat